



Sherlock Holmes – O Problema Final ¹

Daniela Lopes Baroncelli Bueno dos SANTOS ²

Felipe Ventura CUYUMJIAN³

Marcelo Cañada IMPERATRICE⁴

Patrícia Rangel Moreira BEZERRA⁵

Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo, SP

RESUMO

O Projeto “Sherlock Holmes – O Problema Final” integra uma série de adaptações de contos da literatura nacional e estrangeira levadas ao rádio, um dos meios de comunicação de massa mais democráticos. Para isto, foram construídas paisagens sonoras que descrevem ambientes de época, usando os artifícios da linguagem radiofônica como: efeitos, ruídos, vozes, sonoplastia, música e trilhas. Cada episódio narra uma adaptação fechada, com início, meio e fim. O primeiro episódio traz as aventuras de *Sherlock Holmes* na adaptação de "O Problema Final", que descreve a morte do detetive mais famoso do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Roteiro; Sherlock Holmes; adaptação; linguagem de rádio.

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Sherlock Holmes – O Problema Final” surgiu de uma paixão em comum entre os criadores do projeto: A obra de Sir Arthur Conan Doyle. Todos os integrantes do grupo já haviam lido ao menos uma das obras do britânico na infância ou adolescência.

Com alguma pesquisa sobre o que já havia sido produzido no campo audiovisual

¹ Trabalho submetido ao XVIII Expocom, na categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro (avulso), como representante da Região Sudeste.

² Aluna-líder do grupo, estudante do 6º semestre de Rádio e TV das Faculdades Integradas Rio Branco, e-mail: dani.bsl@hotmail.com

³ Estudante do 6º Semestre de Rádio e TV das Faculdades Integradas Rio Branco, e-mail: f-ventura@hotmail.com

⁴ Estudante do 6º Semestre de Rádio e TV das Faculdades Integradas Rio Branco, e-mail: ma.imperatrice@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Rádio e TV das Faculdades Integradas Rio Branco, email: patriciarangel@uol.com.br



acerca da obra de Conan Doyle, notou-se que foram feitas várias adaptações teatrais, cinematográficas, paródias e contos em diversos países. No cinema, o número de adaptações passa de 220, entre 1905 e 2010. Destacamos obras cinematográficas como “Adventures of Sherlock Holmes” (1905), com Maurice Costello no papel principal, “Without a Clue” (1988) com Michael Caine interpretando Holmes e a versão moderna do detetive interpretado por Robert Downey Jr. em “Sherlock Holmes” (2009). No Brasil, temos o romance escrito por Jô Soares “O Xangô de Baker Street” (1997), que ganhou adaptação para os cinemas em 2001.

Com tudo, ficou claro que jamais havia sido produzida sequer uma peça de áudio ou para rádio das histórias de Conan Doyle. Seria uma tentativa pioneira de adaptação de uma obra tão conhecida do público em geral. A esperança de levar a literatura estrangeira e nacional aos ouvidos do grande público através de um veículo democrático como o rádio é o que sustenta este projeto.

2. OBJETIVO

Esta obra busca o pioneirismo no rádio e no campo sensorial auditivo. Através de recursos e técnicas conhecidas de áudio e adaptação de roteiro, pretende-se recriar histórias como as de Sherlock Holmes com uma linguagem simples, abrangente e repleta de signos sonoros comuns que facilitam a interpretação do ouvinte, pois mesmo estimulando fortemente o sentido sensorial, o rádio é um veículo capaz de atingir muito mais eficientemente a audição.

Pela definição de C.S Peirce de signo:

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. [...] O signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. [...] (SANTAELLA, 1983, p. 78).

Agregando a linha de pensamento da semiótica para a adaptação de obras literárias para o rádio, podemos usar uma infinita quantidade de signos sonoros que ao público remeterá objetos, ações e ambiências, como por exemplo, quando ouvimos uma sequência de passos



rápidos seguidos de uma fala ofegante do personagem em cena, percebemos logo que esta personagem estava correndo e que agora parece cansada.

Pretende-se, com as adaptações, passar para o áudio tudo que está, de certa maneira, inserido nas obras originais, como por exemplo, a riqueza descritiva através das palavras serem representadas por ambiências, diálogos, sonoplastias. Enfim, tudo para que o ouvinte interaja com a obra auditiva como se envolveria com a obra literária.

3. JUSTIFICATIVA

Mais do que apresentar adaptações de obras literárias ao ouvinte em forma de áudio, tem-se como objetivo rerepresentar uma parte da cultura da sociedade que parece ter sido deixada de lado ao longo dos anos. A arte, e conseqüentemente a literatura, são o reflexo do seu tempo, do momento, circunstâncias e contexto social em que foram criadas. Assim como modificar obras a ponto de descaracterizar seu contexto histórico é algo inaceitável, mantê-las ocultas diante das gerações que a sucedem é um erro que pode fazer toda uma sociedade perder sua identidade cultural.

O rádio se encaixa perfeitamente no papel de mediador da manutenção de toda uma memória cultural, por ser o meio de comunicação que ainda no século XXI não perdeu sua força (como sabemos que já a perdeu a Televisão, por exemplo), possui uma das maiores mídias de audiência entre os meios de comunicação e ainda, é o veículo que menos sofre com influências políticas e comerciais capazes de afetar o conteúdo nele inserido ou veiculado. Já dizia Marshall Mc Luhan em relação à força do rádio:

Um dos muitos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação. Notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e, acima de tudo, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras. [...] (MC LUHAN, 1964, p. 335).

Segundo Márcia Carvalho, a prática da produção narrativa em áudio pode se dar também com adaptações literárias elegendo pequenos contos ou peças de teatro para criar peças unitárias com começo, meio e fim. É importante que se leve em consideração a seleção de textos com narrativas pouco extensas, concisas e que apresentem unidade dramática, concentrando a ação num único ponto de interesse. No caso, do presente roteiro Sherlock



Holmes – O Problema Final, o ponto alto se dá no confronto entre Sherlock e o Professor Moriarty. A partir de um texto original é possível aplicar a correta diagramação e emprego de termos e conceitos padrões para a produção em áudio/ rádio, colocando na prática o estudo da linguagem do rádio. Justificou-se aí 4 importantes elementos que fazem parte da linguagem radiofônica: a voz, os efeitos, as trilhas e o silêncio.

A série de adaptações que trará em seu primeiro episódio “Sherlock Holmes – Problema Final” busca unir o poder do rádio de envolver e atingir pessoas, a literatura dos livros que fora, um dia, tão atraente quanto o rádio e a vontade do público em redescobrir sua cultura e origens.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

“Sherlock Holmes – O Problema Final” começou a ser desenvolvido no segundo semestre de 2010, na disciplina Oficina de Rádio I. Surgira logo a idéia de realizar uma adaptação de um conto de Sir Arthur Conan Doyle, e o “Problema Final” pareceu a melhor opção, pois como dito anteriormente, descreve (tendo sempre Watson como narrador em primeira pessoa) a última missão realizada pelo detetive, onde ele próprio e seu arqui-rival, Professor Moriarty, morrem em batalha.

Após pesquisa em livros e material audiovisual, traçamos qual seria o perfil de Sherlock Holmes para o rádio, sempre identificando as categorias descritivas de espaço, tempo, ação e personagens. Muitas vezes o personagem era interpretado de maneira cética, artificial e, acima de tudo, formal. Porém, percebemos que a intenção inicial de Conan Doyle em seus livros era de fazer Holmes parecer um herói humano, cheio de defeitos e vícios, porém extremamente competente em todas as atividades que realizava. O roteiro, neste sentido, é fiel ao descrito por Conan Doyle do que seria Sherlock Holmes, um herói sempre atual e humanizado.

Esta é uma das vantagens do rádio em relação aos outros meios. Nele temos maior liberdade de criação de roteiro e de produção. Tudo pode ser representado por uma boa combinação de áudio, sonoplastia e atuações dos atores inserido em um bom roteiro.

"As histórias escritas para o rádio, curiosamente, estão sujeitas a menores limitações que os roteiros para cinema ou televisão, donde os gastos de produção - decorações, gravações externas, efeitos especiais, etc. - condicionam o trabalho dos criadores de forma determinante" (ORTIZ, 2005).



Certos momentos tiveram de ser adaptados ou até recriados para que conseguíssemos transmitir a mensagem de forma exata. Na cena inicial por exemplo, Watson escreve em seu diário um relato, de que somente ele sabe a verdade do que aconteceu entre Sherlock Holmes e Moriarty. Neste momento, a voz de Watson é tensa, e sua narração vem acompanhada de uma trilha dramática e de um BG de uma caneta em contato com a folha.

Os atores também foram dirigidos em alguns momentos para dar mais veracidade as atuações. Palavras de difícil entendimento foram trocadas por expressões comuns e a distância do microfone em que o ator gravava variava de acordo com os ambientes no roteiro, por exemplo, na sala de estar, numa conversa, essa distância era próxima. Já numa cena que se passa em uma catarata a distância do microfone aumenta e a sonoplastia reproduz o som do ambiente. Tudo ajuda a tornar os ambientes mais reais e envolventes.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A adaptação de “Sherlock Holmes – O Problema Final” é somente a primeira de uma série e adaptações de contos da literatura nacional e internacional. Estas adaptações tem como público alvo adolescentes de 16 anos de idade a adultos de 40. Irá ao ar aos domingos, a partir de 22h00, na Rádio Cultura Brasil AM 1200 Khz, simultaneamente via Web e permanecerá disponível no portal da Rádio Cultura⁶.

O roteiro é numerado *take a take*, não só das falas mas também cada marcação do mesmo, sendo a parte técnica incluída. Este recurso é usado para facilitar a gravação e regravação das cenas.

A duração de cada adaptação gira em torno de oito minutos, sem intervalos, para manter o ouvinte atento do início ao fim do programa. Cada cena foi pensada como uma unidade dramática, porque por não ter o recurso da imagem, há de se produzir com mais detalhamento a criação das cenas.

No roteiro adaptado todas as falas foram repensadas para manter o aspecto de época das atuações e, ao mesmo tempo, o bom entendimento dos diálogos. Os aspectos que poderiam ser representados pela imagem num roteiro para TV ou Cinema são definidos pelo reforço da atuação e ambientação, a paisagem sonora. Como no trecho em que Moriarty perde

⁶ www.radioculturabrasil.com.br



Holmes de vista na plataforma de partida do trem, o vilão chama por Holmes e sua voz diminui gradativamente enquanto o trem ganha velocidade.

Sinopse do Primeiro Capítulo: “Sherlock Holmes – O Problema Final”

Dr. Watson se surpreende ao ver Sherlock Holmes entrar afobado em sua sala. Holmes, que não via Watson desde seu casamento, conta que o estão perseguindo, e desconfia ser os capangas do Professor Moriarty, criminoso mais procurado de Londres, e último criminoso ao qual Holmes tem perseguido.

Holmes admite a Watson que a situação está insustentável e que nunca antes havia enfrentado um adversário com seu nível intelectual. Ambos decidem viajar com o objetivo de livrar a sociedade de Moriarty de uma vez por todas.

6. CONSIDERAÇÕES

A partir da produção do projeto Sherlock Holmes – O Problema Final percebeu-se a necessidade de valorizar e estimular a produção de dramaturgia radiofônica, tão escassa neste veículo. Mesmo sendo o rádio, um veículo mais solto e marcado muitas vezes pelo improviso, o roteiro ainda é fundamental para produzir peça de qualidade ainda mais se tratando de dramaturgia.

Criar para rádio requer extrema atenção, todos os elementos da peça de áudio devem interagir de maneira harmoniosa para não criar confusão na mente de quem ouve. Neste sentido, o roteiro em questão atinge seu objetivo e, acima de tudo, restabelece a relação entre o público e sua literatura e cultura.

Produzir um roteiro para o veículo rádio, ainda mais quando adaptado de alguma obra literária escrita, é organizar esta obra para a linguagem de rádio, ou seja, contar a história por vozes, músicas, efeitos, ruídos e silêncio.

7. BIBLIOGRAFIA



BARBOSA, A. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DOYLE, Arthur Conan. **As Melhores Histórias de Sherlock Holmes**. Editora L&P, 2006.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: O Veículo, a História e a Técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, 375p.

FERRAZ, Nivaldo. “**A dramatização sonora: formatos, interpretação e sonoplastia**”. In: BARBOSA, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana. **Rádio: sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004, pp.115-135.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

HAUSMAN, Carl, MESSERE, Fritz, O'DONNELL Lewis e BENOIT, Philip. **Rádio: Produção, Programação e Performance**. São Paulo: CENCAGE Learning, 2010, 528p.

McLEISH, Robert. **Produção de rádio – Um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo. Summus, 2001

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix. 1964, 407p.

ORTIZ, Miguel e MARCHAMALO, Jesus. **Técnicas de Comunicação Pelo Rádio: A Prática Radiofônica**. São Paulo: Edições Loyola, 2005, 143p.

REY, Marcos. **O roteirista profissional -TV e Cinema**. São Paulo: Ed Ática, 1989.

SPERBER, G. B. **Introdução à peça radiofônica**. São Paulo, EPU, 1980.